



**LABORATÓRIOS MISTOS DE PESQUISA E EXTENSÃO, LINGUAGEM CULTURA E
COGNIÇÃO – LINC-COGNITION
PORTUGUÊS PARA CONCURSO
Prof.: Sandro Martins**

Texto

Uma prova de Língua Portuguesa deve obedecer a alguns pressupostos que norteiam a sua elaboração. E um desses é o de que, na sociedade em que vivemos, qualquer pessoa é constantemente chamada a produzir e interpretar mensagens verbais extremamente diversificadas, num sem número de situações distintas, e a capacidade de interagir linguisticamente é fundamental para garantir uma inserção social construtiva.

Isso vale para qualquer indivíduo e, com maior razão, para profissionais de nível universitário, pois deles se espera que utilizem a linguagem não só para se expressarem respeitando as etiquetas de seu próprio grupo social e de outros com os quais interagem, mas também para analisar e interpretar situações, formular soluções e criar novos saberes, intervindo na realidade de maneira sensível e criativa.

O ensino tradicional de Português está interessado principalmente na assimilação da nomenclatura gramatical, na ortografia e no domínio da norma culta, que é apenas uma das variedades de nossa língua. As provas que mediriam tal competência pouco têm a ver com a função de intervenção e descoberta da qual a linguagem é instrumento.

Por isso, uma prova de língua seria o que o nome diz, uma prova de língua, e não apenas uma prova de gramática. Uma prova deste tipo propõe questões em que se cobra do aluno algo mais que a capacidade de utilizar corretamente a variedade linguística culta, ou de aplicar corretamente a nomenclatura com que foram tradicionalmente descritas as estruturas da língua portuguesa. Exige-se “maturidade linguística”, ou seja, a capacidade de perceber o funcionamento real da língua através de todos os tipos de texto nas mais diversas situações.

A adoção dessa atitude ajudou a colocar em seu devido lugar a gramática (e algumas gramatiquices), criando espaço para a observação do verdadeiro uso da língua. Aliada à preocupação de verificar nas questões de literatura a capacidade de ler criticamente obras literárias. Uma prova de língua produz uma profunda mudança na maneira como a linguagem é encarada no ensino médio e superior. Trata-se de uma autêntica mudança de mentalidade que – é fácil compreender – deixa às vezes desconcertados os seus próprios agentes. Aos professores do ensino médio e dos cursinhos, impõe-se a tarefa nem sempre fácil de planejar atividades voltadas para o uso real da linguagem e para os aspectos cognitivos e criativos da competência linguística.

Como preparar-se para uma prova com essas características?

Antes de mais nada, é psicologicamente interessante que o aluno se convença de que uma prova de língua não é necessariamente mais difícil que uma prova de gramática. Comentar a maneira como as pessoas se expressam, valorizar uma boa resposta, apontar na fala (própria e dos outros) as expressões que verdadeiramente fizeram diferença, explicar porque um texto não realizou os objetivos a que se propunha, observar diferenças no modo de falar que caracterizam pessoas ou grupos são atos que qualquer falante de uma língua realiza corriqueiramente, não importando sua idade e seu grau de instrução; uma prova de língua valoriza o aluno que se acostumou a investir algum tempo e alguma energia nesse trabalho de observação e comentário sobre como a língua funciona.

Também é importante perceber que, ao privilegiar questões de língua, uma prova assim valoriza o aluno como pessoa inserida numa comunidade linguística na qual se vivem problemas reais, em vez de tratá-lo como um aluno de quem se cobram os efeitos de um treinamento cujo horizonte é principalmente a escola. Como ficou apontado acima, a língua é importante demais para ser confundida com a representação que dela nos legaram as gramáticas.

Uma prova de língua deve ser também essencialmente uma prova de leitura. Convém repetir essa observação aparentemente banal, em primeiro lugar porque continua acontecendo algo bastante preocupante: muitos alunos precipitam-se em responder sem a adequada reflexão sobre os enunciados propostos, e cometem erros bobos, que seriam evitados se o enunciado das questões fosse bem lido. A prova é de leitura também num outro sentido, igualmente importante: todas as perguntas têm sido a respeito de textos diversos e, muitas vezes, breves (crônicas, contos, frases, slogans, anedotas, tiras, etc.), e só responde bem quem for capaz de ler e interpretar corretamente esses textos. E esta é uma atitude que exige muita atenção à leitura.

(Adaptado do Manual de Instrução para o vestibular da

UNICAMP)

Segundo o texto, uma prova de Língua Portuguesa é:

1. fundamentada na produção e interpretação de mensagens verbais.
2. principalmente direcionada à compreensão leitora de diferentes textos.
3. está relacionada à observação do funcionamento linguístico.
4. principalmente direcionada ao domínio da norma culta.

A principal ideia do texto é:

5. revelar como devemos responder a uma prova de Língua Portuguesa.
6. procurar esclarecer o que é uma prova de Língua Portuguesa.
7. mostrar, especificamente, as principais questões de uma prova de Língua Portuguesa.
8. advertir que uma prova de Língua Portuguesa apresenta complexidade.

É função da linguagem, conforme o texto:

9. Intercâmbio entre outros indivíduos.
10. Revelação do domínio da variedade culta, de sua nomenclatura e de suas regras.
11. Análise e compreensão de situações comunicativas.
12. Assimilação de novos saberes.

Segundo o texto, as provas que veem a língua como instrumento de intervenção social e assimilação de novos conhecimentos, ou seja, a língua em seu uso real, devem ter em seu conteúdo questões:

13. de leitura.
14. de escrita.
15. de ortografia.
16. de regras gramaticais.

Ainda segundo o texto, uma prova que contempla o uso real da língua deve:

17. observar o erro no uso da língua dos usuários das outras variedades linguísticas.
18. buscar explicações para a não-realização dos objetivos e da falta de organização de alguns textos.
19. valorizar uma resposta que tenha coesão e/ou coerência.
20. mostrar as diferenças linguísticas dos usuários das outras variedades da língua.

Conforme o texto, é um requisito exclusivo e fundamentalmente necessário a um candidato que queira fazer uma prova de língua.

21. observação dos usos reais da língua.
22. curiosidade a respeito da funcionalidade real da língua.
23. domínio da norma de prestígio da língua.
24. crítica do verdadeiro uso da língua.

Na estrutura do texto:

25. observam-se sequências narrativas e descritivas
26. as estruturas injuntivas predominam em relação às explicativas.
27. Há, na estruturação das ideias, o predomínio da objetividade em relação à subjetividade.
28. veem-se sequências explicativas e argumentativas.

As sequências que predominam no texto enquadram-no como:

29. dissertativo.
30. narrativo.
31. argumentativo.
32. injuntivo ou procedural.

Quando se diz que: “uma prova de língua seria o que o nome diz, uma prova de língua. Este argumento revela um(a):

33. paradoxo.
34. previsibilidade.
35. dilema.
36. obviedade.

Texto**ELA UNE TODAS AS COISAS**

Jorge Vercilo

Ela une todas as coisas
como eu poderia explicar
um doce mistério de rio
com a transparência de um mar ?

Ela une todas as coisas
quantos elementos vão lá ...
sentimento fundo de água
com toda leveza do ar

Ela está em todas as coisas
até no vazio que me dá
quando vejo a tarde cair
e ela não está

Talvez ela saiba de cor
tudo que eu preciso sentir
Pedra preciosa de olhar !
Ela só precisa existir
para me completar

Ela une o mar
com o meu olhar
Ela só precisa existir

Quanto ao texto lido, pode-se dizer que:

37. a pessoa a quem o eu lírico se refere como “ela” é um ser idealizado.
38. a ubiquidade, ou seja, a onipresença é uma das características da pessoa referida.
39. o eu lírico não sente dificuldade em dizer o que faz a pessoa a quem ele se refere.
40. “Ela”, linha 01, refere-se a um elemento que não encontra referente explícito no texto.
41. o “que”, linha 10, refere-se a algo colocado anteriormente.

Em: “um doce mistério de rio/ com a transparência de um mar?”, predominam os seguintes recursos estilísticos:

42. metonímia.
43. eufemismo.
44. sinestesia.
45. antítese.

O eu lírico relaciona a “ela”, exceto:

46. uma característica valorativa.
47. uma certa ausência.
48. possibilidade de conhecimento do outro.
49. habilidade de estabelecer vínculos.
50. capacidade de evasão.

Texto**Como nasce uma história****(fragmento)**

Quando cheguei ao edifício, tomei o elevador que serve do primeiro ao décimo quarto andar. Era pelo menos o que dizia a tabuleta no alto da porta.

— Sétimo — pedi.

A porta se fechou e começamos a subir. Minha atenção se fixou num aviso que dizia:

É expressamente proibido os funcionários, no ato da subida, utilizarem os elevadores para descenderem.

Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevalciam então duas regras mestras que deveriam ser rigorosamente obedecidas. Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse. Da outra infelizmente já não me lembrava.

Mas não foi o emprego pouco castiço do infinito pessoal que me intrigou no tal aviso: foi estar ele concebido de maneira chocante aos delicados ouvidos de um escritor que se preza.

Qualquer um, não sendo irremediavelmente burro, entenderia o que se pretende dizer neste aviso. Pois um tijolo de burrice me baixou na compreensão, fazendo com que eu ficasse revirando a frase na cabeça: descerem, no ato da subida? Que quer dizer isto? E buscava uma forma simples e correta de formular a proibição:

É proibido subir para depois descer.

É proibido subir no elevador com intenção de descer.

É proibido ficar no elevador com intenção de descer, quando ele estiver subindo.

Se quiser descer, não tome o elevador que esteja subindo.

Mais simples ainda:

Se quiser descer, só tome o elevador que estiver descendo.

De tanta simplicidade, atingi a síntese perfeita do que Nelson Rodrigues chamava de óbvio ululante, ou seja, a enunciação de algo que não quer dizer absolutamente nada:

Se quiser descer, não suba.

Fernando Sabino. **A volta por cima**. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140 (com adaptações).

Acerca do gênero textual e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1.O sentido do período seria mantido, mas a correção gramatical seria prejudicada, caso se substituísse “atingi a síntese perfeita” por **cheguei à síntese perfeita**. Linha 24

2.O trecho das linhas 5 e 6 pode ser reescrito, com correção gramatical, da seguinte maneira: É expressamente proibido a utilização dos elevadores que tiverem subindo pelos funcionários que desejarem descer.

3.A regra gramatical enunciada pelo autor em “Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse” (linha 9) aplica-se aos verbos subir e descer no seguinte exemplo: Se os funcionários querem subir, não devem descer.

4. O gênero textual apresentado permite o emprego da linguagem coloquial, como ocorre, por exemplo, em “Qualquer um, não sendo irremediavelmente burro” (linha 14) e “um tijolo de burrice” (R.14).



A charge lida, além do propósito comunicativo de fazer humor, também tem o objetivo de fazer crítica:

5. À relação entre filhos e pais que nem sempre dão o que os filhos querem.
6. Ao abandono pelas crianças dos brinquedos tradicionais.
7. Ao trabalho que muitas crianças executam mesmo contra a sua própria vontade.

Texto

Para mostrar a importância do voto aos 16 anos de idade, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) realizou a campanha **Te liga 16 — O Brasil só ganha se você tiver esse título**. O objetivo da campanha foi conscientizar os jovens de 16 anos da responsabilidade do voto e da participação política. “Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã. Ficar em casa reclamando que política é ruim não está com nada. Está na hora de não só pensar, mas de decidir”, disse o professor Pedro.

A presidenta da Comissão de Educação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre completou a introdução do professor, chamando a atenção dos estudantes para o poder de decisão que eles têm. “Somos 33 milhões de brasileiros entre 16 e 24 anos. A juventude brasileira, se unida, é suficiente para mudar qualquer coisa neste país.

A respeito das ideias apresentadas no texto e da tipologia textual.

8. O texto é fragmento de uma notícia e se estrutura em duas partes: uma expositiva e outra argumentativa.
9. O texto é uma descrição retirada de um texto publicitário, destinado a convencer os adolescentes a votarem.
10. O texto narra episódios políticos que aconteceram antes das eleições para a chefia da UBES.
11. O texto tem estrutura dissertativa, sendo as passagens entre aspas transcrições de discursos contrários às eleições aos 16 anos.
12. No primeiro parágrafo, predomina a estrutura descritiva, mas, no segundo, sobressai a narrativa.

Texto

Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett **que o diga**. Morador da Ilha Príncipe Eduardo, uma das dez províncias do Canadá, ele enviou mais de 4.800 mensagens em uma garrafa e recebeu 3.100 respostas de pessoas de várias partes do mundo. De acordo com a BBC, o canadense envia as mensagens desde 1996.

O seu **método** é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos — que devem rumar de preferência para oeste ou sudoeste. Algumas cartas demoraram 13 anos para voltar para **ele**.

As respostas vieram de regiões como África, Rússia, Holanda, Reino Unido, França, Irlanda e Estados Unidos da América. Ele acabou fazendo amigos com as mensagens, criando “vínculos” — recebeu até presentes e cartões de Natal.

O canadense diz **que** continua adorando se comunicar dessa maneira e afirma que o método chega a ser, muitas vezes, mais “eficaz” do que a comunicação por Facebook e Twitter.

Intencionalmente, nunca coloca o número de telefone nas mensagens, para recebê-las de volta da mesma maneira.

Quanto ao texto lido:

13. O texto apresenta características narrativas e dissertativas.
14. O pronome “o”, linha 07, refere-se a “algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado”, linha 01.
15. “Na Era das redes sociais” contextualiza em que espaço a ideia principal do texto deve ser compreendida.
16. O “método”, linha 05, só pode ser plenamente esclarecido se recorrermos a informações contidas no primeiro parágrafo.

No texto, faz remissão a Harold Hackett as seguintes expressões:

- | | |
|---|----------------------|
| 17. “O canadense”, linha 11. | 20. “que”, linha 02. |
| 18. “Ele”, linha 07. | 21. “que”, linha 11. |
| 19. “Morador da Ilha Príncipe Eduardo”, linha 02. | |

Texto

Internet e a importância da imprensa

Este artigo não é sobre a pornografia no mundo virtual nem tampouco sobre os riscos de as redes sociais empobrecerem o relacionamento humano. Trata de um dos aspectos mais festejados da internet: o **empowerment** (“empoderamento”, fortalecimento) do cidadão proporcionado pela grande rede.

É a primeira vez na História em que todos, ou quase todos, podem exercer a sua liberdade de expressão, escrevendo o que quiserem na internet. De forma instantânea, o que cada um publica está virtualmente acessível aos cinco continentes. Tal fato, inimaginável décadas atrás, vem modificando as relações sociais e políticas: diversos governos caíram em virtude da mobilização virtual, notícias antes censuradas são agora publicadas na rede, etc. Há um novo cenário democrático mais aberto, mais participativo, mais livre.

E o que pode haver de negativo nisso tudo? A facilidade de conexão com outras pessoas tem provocado um novo fenômeno social. Com a internet, não é mais necessário conviver (e conversar) com pessoas que pensam de forma diferente. Com enorme facilidade, posso encontrar indivíduos “iguais” a mim, por mais minoritária que seja a minha posição.

O risco está em que é muito fácil aderir ao seu clube” e, por comodidade, quase sem perceber, ir se encerrando nele. Não é infrequente que dentro dos guetos, físicos ou virtuais, ocorra um processo que desemboca no fanatismo e no extremismo.

Em razão da ausência de diálogo entre posições diversas, o ativismo na internet nem sempre tem enriquecido o debate público. O empowerment digital é frequentemente utilizado apenas como um instrumento de pressão, o que é legítimo democraticamente, mas, não raras vezes, cruza a linha, para se configurar como intimidação, o que já não é tão legítimo assim...

Pelas características da organização do discurso, a respeito do texto pode-se afirmar que se trata de uma:

22. dissertação de caráter expositivo, pois explica, reflete e avalia ideias de modo objetivo, com intenção de informar ou esclarecer.
23. narração, por reportar-se a fatos ocorridos em determinado tempo e lugar, envolvendo personagens, numa relação temporal de anterioridade e posterioridade.
24. dissertação de caráter argumentativo, pois faz a defesa de uma tese com base em argumentos, numa progressão lógica de ideias, com o objetivo de persuasão.
25. descrição, por retratar uma realidade do mundo objetivo a partir de caracterizações, pelo uso expressivo de adjetivos.
26. expressão injuntiva, por indicar como realizar uma ação, utilizando linguagem simples e objetiva, com verbos no modo imperativo.

Texto

“Existe um tipo de preconceito extremamente forte e vigoroso na cultura brasileira: o preconceito linguístico. O preconceito linguístico é o lado visível e palpável da ideologia elitista, oligárquica e conservadora que impera na nossa sociedade, que está muito longe de ser uma sociedade plenamente democrática, bastando lembrar que o Brasil é o campeão mundial da desigualdade econômica, com a pior distribuição de renda do planeta. A gramática tradicional é um dos tesouros preciosamente guardados pelos defensores dessa ideologia. A língua apresentada ali é a suposta língua de uma elite dominante, que detém o poder político, a riqueza econômica e o prestígio social dentro da sociedade brasileira.(...)”

Quando um aluno falante de alguma variedade não-padrão chega na escola – trazendo sua fonética, sua sintaxe, seu vocabulário, sua lógica de uso bastante diferentes da língua ensinada pelos professores - , esse aluno certamente sofre um choque cultural, pois é obrigado a assimilar conteúdos e a ler textos veiculados numa variedade de língua que não corresponde à sua realidade linguística cotidiana, habitual, familiar. Alguns especialistas chegam mesmo a afirmar que a língua ensinada na escola é uma língua “estrangeira”. A escola, porém, não se dá conta desse choque, e isso por uma simples razão. Nossa educação, além de ideologicamente elitista, se baseia no mito mais pernicioso entre os que compõem o preconceito linguístico: o mito da unidade linguística do Brasil. Lendo as gramáticas e boa parte dos livros didáticos de português, a gente tem a impressão de que a língua portuguesa é a mesma desde o surgimento da humanidade há um milhão de anos, e que vai continuar a mesma daqui a outro milhão. A língua é apresentada como uma entidade monolítica, compacta, sólida, inabalável, atemporal, absoluta, eterna e imutável.(...)

BAGNO, Marcos. Excertos de Mitos e Preconceitos. O Estado de Minas.

18/03/2000

Lendo o texto só não se pode afirmar que a língua, como um todo, apresenta:

- | | |
|--------------------|--------------------|
| 27. dinamicidade. | 30. estabilidade. |
| 28. homogeneidade. | 31. variabilidade. |
| 29. mutabilidade. | |

De acordo com o texto, a escola, *exceto*:

32. reconhece a língua do aluno como legítima.
33. combate o preconceito linguístico.
34. tem consciência da variabilidade da língua.
35. desenvolve meios para o estudo das outras variedades da língua.
36. fortalece a ideologia elitista e conservadora de uma classe social.

Pela leitura do texto, observam-se sequências que o caracterizam como:

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------|
| 37. dissertativo-expositivo. | 39. apenas narrativo. |
| 38. dissertativo-argumentativo. | 40. narrativo e descritivo. |

Leia o texto e julgue os itens.

- Preciso de um emprego. Tenho 15 filhos.
- E o que mais o senhor sabe fazer ?

POSSENTI, S. Os humores da Língua. Campinas: Mercado das letras, 1998.

41. O humor da piada emerge do subentendido presente no texto.
42. O uso do artigo indefinido na primeira frase indica o trabalho pretendido.
43. Ter quinze filhos é o argumento utilizado pelo pai para solicitar emprego.
44. Suprimindo a palavra *mais* da segunda fala, o significado não sofre alteração.

Texto

Tempo perdido Composição: Renato Russo.	Nosso suor sagrado É bem mais belo Que esse sangue amargo E tão sério E Selvagem! Selvagem! Selvagem!...	Distantes de tudo Temos nosso próprio tempo Temos nosso próprio tempo Temos nosso próprio tempo... Não tenho medo do escuro
Todos os dias quando acordo Não tenho mais O tempo que passou Mas tenho muito tempo Temos todo o tempo do mundo... Todos os dias	Veja o sol Dessa manhã tão cinza A tempestade que chega É da cor dos teus olhos Castanhos...	Mas deixe as luzes Acesas agora O que foi escondido É o que se escondeu E o que foi prometido Ninguém prometeu Nem foi tempo perdido Somos tão jovens... Tão Jovens! Tão Jovens!...
Antes de dormir Lembro e esqueço Como foi o dia Sempre em frente Não temos tempo a perder...	Então me abraça forte E diz mais uma vez Que já estamos	

A abordagem sobre dramas da juventude era uma das principais características do estilo de composição de Renato Russo. Quanto ao texto apresentado, pode-se dizer que os três versos iniciais fazem referência ao tempo e à sua:

45. velocidade.
46. irreversibilidade.
47. imutabilidade.
48. simultaneidade.

A leitura do texto:

49. revela que o eu lírico mostra preocupação com os fatos que lhe marcaram, anteriormente, o dia.
50. deixa transparecer que o eu lírico tem interesse no futuro.
51. procura mostrar, utilizando uma linguagem conotativa, que o eu lírico vê esperança em momentos tristes e problemáticos.
52. mostra que o eu lírico deseja estar sozinho, mesmo depois de vivenciar dias difíceis.

Pode-se perceber que o texto também apresenta linguagem conotativa, ou seja, figurada. No verso 5: “Temos todo o tempo do mundo...”. O eu lírico empregou um recurso estilístico denominado:

53. silepse.
54. metonímia.
55. hipérbole.
56. metáfora.

